

LEITE, C. M. S; HAAG, C. R.; OTHERO, G. A. *ReVEL* – 20 anos: Entrevista com Cândida Manuela Selau Leite, Cassiano Ricardo Haag e Gabriel de Ávila Othero. *ReVEL*, v. 22, n. 42, 2024. [www.revel.inf.br].

ReVEL – 20 anos: Entrevista com Cândida Manuela Selau Leite, Cassiano Ricardo Haag e Gabriel de Ávila Othero

Cândida Manuela Selau Leite¹

Cassiano Ricardo Haag²

Gabriel de Ávila Othero³

ReVEL - Podem contar um pouco sobre a origem da *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*? Como surgiu a ideia de publicá-la? Houve alguma resistência à iniciativa de fazer uma revista totalmente *online* em uma época na qual os periódicos eram impressos?

GABRIEL DE ÁVILA OTHERO - Creio que foi em 2001, logo depois que concluí minha graduação em Letras pela Unisinos, que comecei a trabalhar como pesquisador em um projeto de Linguística Computacional liderado pela profa. Renata Vieira. Foi aí que conheci o Cassiano e começamos não só uma amizade, mas uma boa parceria acadêmica. Em 2003, iniciei meu Mestrado em Linguística e comecei a passar horas nas bibliotecas da PUC e da Unisinos folheando periódicos (*DELTA, Letras de Hoje, Language...*) atrás de artigos que fossem relevantes para o tema de minha dissertação (que foi sobre o desenvolvimento de um *parser* sintático em língua portuguesa com base no formalismo de uma *phrase structure grammar* relativamente simples, escrito com a linguagem de programação Prolog). Quando eu encontrava algum texto interessante, tirava uma cópia em xerox e ia ler em casa. A norma, naquele tempo, era

¹ Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (Linha de Pesquisa “Linguagens e Práticas Escolares”) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

² Mestre e Doutor em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

³ Professor Associado do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

o papel: havia alguns periódicos que já tinham versão online, mas todos os periódicos, salvo melhor juízo, mantinham uma tiragem regular impressa.

Então, perguntei ao Cassiano o que ele pensava de fundarmos um periódico que fosse exclusivamente *online*, sem versão impressa. Isso certamente facilitaria muito a consulta de artigos pelos alunos e a busca por assuntos dentro do periódico. Na época, não havia, no Brasil, nenhum periódico que fosse exclusivamente *online* e que tivesse tiragem regular. Havia um único periódico-*website*, chamado Linguanet, que publicava artigos *online*, mas não mantinha periodicidade regular. E havia as versões *online* de periódicos de prestígio, como a *DELTA* e a *Letras de Hoje*, por exemplo. Contudo, não havia periódicos de linguística que fossem total e exclusivamente acessíveis *online* e que mantivessem o mesmo rigor acadêmico e editorial dos tradicionais periódicos impressos.

O Cassiano, como bom parceiro de novas empreitadas, aceitou o convite. Pensamos num corpo editorial, numa linha editorial e criamos, nós mesmos, um *website* para a recém-criada *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, carinhosamente chamada de *ReVEL*. Era a primeira revista de linguística exclusivamente *online* e com periodicidade regular no Brasil. Na época, não achamos que isso fosse algo importante; hoje, passados vinte anos, penso que foi uma boa sacada e uma contribuição importante para o desenvolvimento da linguística brasileira.

Decidimos que publicaríamos duas edições por ano e que as edições seriam temáticas. A primeira edição, de agosto de 2003, foi sobre Linguística Textual. Em cada edição, pensamos que seria legal termos uma seção com artigos e uma entrevista com algum grande teórico da área. Nessa primeira edição, publicamos quatro artigos e uma entrevista com a profa. Ingedore Villaça Koch. A edição saiu pequeninha, mas já demonstrando qualidade, o que nos incentivou a manter a empreitada viva.

A segunda edição, de março de 2004, teve como tema a Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna e Estrangeira. Havia uma demanda por periódicos *online* e recebemos muitos artigos na abertura da chamada de trabalhos. A edição publicou nove artigos, uma resenha (decidimos que seria legal mantermos uma seção destinada a resenhas de livros da área temática de cada edição) e duas entrevistas, uma com um pesquisador brasileiro e outra com um pesquisador estrangeiro – prática que temos adotado até hoje. Nessa edição, entrevistamos o prof. Luiz Carlos Travaglia e a professora canadense Nina Spada.

Mais tarde, também decidimos criar duas outras seções nas edições: a seção de Tradução e seção *ReVEL* na Escola. Na seção de Tradução, publicamos a tradução de algum texto importante da área temática da edição, um texto que seja ainda inédito no Brasil; na seção *ReVEL* na Escola, convidamos algum pesquisador proeminente na área temática da edição para que escreva um texto voltado a professores do Ensino Fundamental e Médio, explicando como a área da edição (Morfologia, Linguística Histórica, Sintaxe Formal, Sociolinguística...) pode ser relevante no contexto escolar.

A *ReVEL* estava crescendo... recebíamos muitos artigos por edição, mesmo mantendo a política editorial das edições monotemáticas. E tivemos uma boa receptividade no meio acadêmico brasileiro, o que nos deixou muito contentes. Muitos colegas nos procuravam perguntando se poderiam organizar uma edição da *ReVEL* ou publicar os trabalhos de um evento que estavam organizando. Por isso, em 2007, decidimos ampliar o escopo de atuação da *ReVEL*: passamos a publicar uma terceira edição anual, a edição especial de novembro. Nessa edição, convidamos um colega a organizar toda a revista (artigos, resenhas, traduções, etc.).

O primeiro número especial da *ReVEL* foi publicado em novembro de 2007 e teve como organizadoras as professoras da PUCRS Leda Bisol e Cláudia Brescancini. Elas organizaram uma edição com treze artigos apresentados durante o evento III Seminário Internacional de Fonologia PUCRS.

Como a *ReVEL* estava tomando proporções maiores do que havíamos concebido originalmente, decidimos convocar uma ajuda preciosa. Foi aí que a Cândida, originalmente amiga do Cassiano, entrou no time *ReVEL*. Passamos a ser um trio de editores, o que facilitou muito a vida na *ReVEL*.

CASSIANO RICARDO HAAG - Tenho a impressão de que a *ReVEL* iniciou no melhor momento, o que facilitou bastante para a aceitação de um periódico novo na comunidade da linguística. Havia uma demanda pela digitalização do conhecimento acadêmico e a *ReVEL* captou bem esse momento. Após isso, houve um movimento generalizado nesse sentido, o que facilitou um crescimento talvez até exagerado de novos periódicos. Esse crescimento deu origem a diferentes movimentos no sentido de dificultar cada vez mais a criação de novos periódicos, o que afeta inclusive a manutenção de periódicos tradicionais atualmente. Iniciar hoje provavelmente é muito mais difícil do que há 20 anos. Felizmente, a comunidade acadêmica abraçou a *ReVEL* desde o início, o que atribuo em grande parte, em primeiro lugar, à simpatia do Gabriel,

nosso diplomata, mas também a quem considero a primeira madrinha da *ReVEL*, a gigante professora Ingedore, que concedeu uma generosa entrevista a dois estudantes para uma primeira edição de uma revista que sequer existia. A partir daí, não tinha mais como dar errado.

CÂNDIDA MANUELA SELAU LEITE - Entrei para contribuir com o Cassiano e com o Gabriel nas demandas da *ReVEL* no ano de 2014. Quando ingressei, estava iniciando os meus estudos no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na UNISINOS e, por isso, vi nesse convite uma oportunidade de contribuir com a pesquisa científica em outra modalidade, como editora.

Nesse momento, tanto por estar bem acompanhada pelos fundadores da revista quanto por ter vontade de explorar os estudos da linguagem com maior proximidade (lendo, observando, conhecendo diferentes abordagens), coloquei toda a energia que uma recém-estudante de pós-graduação pode colocar e comecei tendo muito prazer ao dedicar meu tempo com muito prazer.

As reuniões do trio eram realizadas nas cafeterias e nos restaurantes da própria Unisinos e, de tanto que tínhamos para pensar e para compartilhar, o relógio nunca foi nosso amigo de fato. Sempre com muita seriedade, humor e utopia, tornávamos as combinações e as decisões sempre muito adequadas aos propósitos desenhados por nós, os editores.

Evidentemente, desde o início, percebi que a *ReVEL*, já extremamente exitosa e com políticas bem estruturadas, sempre deixou espaço para o surgimento de novas ideias e para a colaboração de outras pessoas. Tenho certeza, por isso, que a *ReVEL*, assim como foi transgressora ao publicar 100% online *da capo*, terá outros tantos marcos disruptivos nos próximos anos.

ReVEL - A revista costuma abrir espaço para outras produções além de artigos. Sempre procuramos publicar entrevistas nacionais e internacionais, resenhas, traduções e a seção *ReVEL* na escola. Como surgiu essa ideia? Quais são as contribuições pretendidas com esse tipo de publicações?

GABRIEL DE ÁVILA OTHERO - Como as edições são monotemáticas, sempre tivemos uma ideia de que cada edição pudesse ser vista como uma espécie de “dossiê”

de um determinado assunto. Começamos, como eu mencionei anteriormente, publicando uma edição sobre Linguística Textual e contamos com artigos e uma entrevista com a profa. Ingedore Koch, que brindou os leitores com uma belíssima entrevista. Ao longo dos anos, com o intuito de tornar os “dossiês” mais completos, fomos acrescentando seções: *ReVEL* na Escola, resenhas, traduções, entrevistas com pesquisador brasileiro e com pesquisador estrangeiro. Pensamos que, assim, cada edição conseguiria abordar de maneira bem completa sua temática. Não é sempre que conseguimos publicar textos em todas as seções, mas quando isso é possível, o resultado – via de regra – são belíssimas edições.

Por exemplo, a edição sobre Políticas Linguísticas (vol. 14, n. 26, março de 2016) traz dois textos na seção *ReVEL* na Escola (“Do que tratam as políticas linguísticas”, de Pedro de Moraes Garcez e Lia Schulz e “Programa Nacional do Livro Didático de Língua Estrangeira”, de Simone Sarmento), além da tradução de um texto do pesquisador Bernard Spolsky (“Para uma Teoria de Políticas Linguísticas”), três resenhas de livros da área de Políticas Linguísticas e duas entrevistas (uma com Bernard Spolsky e outra com Gilvan Müller de Oliveira) – além, é claro, dos artigos (onze artigos). Trata-se de uma edição que serve de rico material para quem desenvolve seus estudos na área de Políticas Linguísticas.

CASSIANO RICARDO HAAG - A *ReVEL* é uma revista planejada por estudantes. Me parece que esse é o seu DNA. A ideia de dossiê, como o Gabriel explicou, sempre foi discutida e aceita como meta da *ReVEL*. Mas essa ideia, me parece, tem uma origem mais profunda, que é a postura de a *ReVEL* compreender que um periódico acadêmico precisa dialogar com as novas gerações de pesquisadores. Todos esses gêneros existentes na *ReVEL*, a meu ver, impactam muito mais pesquisadores mais jovens, sendo muito bem recebidos também por pesquisadores experientes, dada a qualidade dos trabalhos. Mas tenho a impressão de que intuitivamente a *ReVEL* sempre mirou na formação e no diálogo com estudantes da pós-graduação e jovens doutores, muitos dos quais, hoje, já são professores experientes e mantêm laços estreitos com a *ReVEL*, avaliando artigos, contribuindo com textos, indicando para seus estudantes etc. Essa estratégia foi também muito bem recebida pelos pesquisadores mais experientes, que sempre foram parceiros da revista e a quem somos sempre gratos.

CÂNDIDA MANUELA SELAU LEITE - Percebo que a *ReVEL* na Escola tem a preocupação de tornar a ciência da linguagem/linguística (nem sempre em linguagem acessível ao público não acadêmico) mais próxima daqueles que trabalham com o ensino da linguagem nos mais diferentes níveis de ensino. A um professor, por exemplo, que trabalha no ciclo de alfabetização, é importante saber como determinado estudo pode contribuir para a sua prática escolar e, assim, estar também se atualizando sobre os estudos na área de sua formação.

As entrevistas, tanto nacionais quanto internacionais, são, nesse cenário, a tentativa de proporcionar, especialmente para o público acadêmico, um panorama mais acessível sobre alguns objetos de estudo da linguagem. Nesse formato, abre-se espaço para que o(a) pesquisador(a) convidado(a) possa contar ou dissertar sobre o assunto com maior liberdade, tendo, se desejar, a possibilidade de colocar informações relevantes para o assunto que talvez não coubessem na estrutura de um artigo científico. Muitas entrevistas que recebemos têm uma escrita que se parece com uma conversa de bastidores, com estrutura informal, sem deixar perder o fio do tema a que se propõe a explicar.

Já as resenhas e as traduções cumprem funções que se parecem. Enquanto a resenha está mais focada em mostrar a estrutura e a abordagem de determinado livro, a tradução está destinada a aumentar o trânsito científico de um texto. E como ambas se parecem, então? Qualquer um que parar para ler uma resenha ou uma tradução vai perceber que ambas têm como objetivo subsidiar os leitores e pesquisadores acadêmicos, facilitando principalmente as jornadas epistemológica e de escrita.

ReVEL - A *ReVEL* é uma das únicas (senão a única) revista de linguística que não é vinculada a uma universidade ou a um PPG. Quais são os desafios e os pontos positivos disso?

GABRIEL DE ÁVILA OTHERO - É, nesse sentido, a *ReVEL* é uma revista independente. Ela é tocada por sete editores (os fundadores: Cassiano e eu; a editora mais antiga depois da gente: Cândida; e a nova geração, que vem cheia de boas ideias: Larissa, Melissa, Mônica e Sara), além – é claro – dos colegas que compõem o Conselho Editorial (veja em revel.inf.br/pt/conselho). A *ReVEL* não está vinculada a nenhuma universidade ou PPG. Como ponto positivo, vejo que conseguimos manter nossa autonomia e fazermos da *ReVEL* um campo de experimentações. Como mencionamos

antes, criamos seções (*ReVEL* na Escola, Tradução, Entrevistas, etc.) e temos liberdade para desenvolver o *layout* da revista e suas normas para publicação. Como ponto negativo, creio que às vezes ficamos um pouco por fora do circuito das publicações acadêmicas universitárias, seja na avaliação da CAPES, seja na participação de reuniões com outros periódicos.

CASSIANO RICARDO HAAG - Como o Gabriel menciona, a liberdade que a revista tem para se manter ou se modificar, decidir temas, sem disputas internas, ou outras pressões comuns no meio acadêmico, talvez seja o ponto mais positivo da *ReVEL*. Quando precisamos decidir, sentamos entre amigos, isentos de interesses senão aquele que entendemos ser o melhor para a *ReVEL* e para os estudos da linguagem. As decisões não geram qualquer desgaste, o que é fundamental para manter o ânimo para o trabalho. O ponto negativo que tínhamos, além daqueles apontados pelo Gabriel, é que a *ReVEL* estava sempre em risco com apenas dois ou três editores, pois não há uma instituição que garanta a continuidade dos trabalhos caso aconteça algo com a gente. A chegada das novas editoras, além de renovar os ânimos e qualificar o trabalho, também torna a revista mais segura para o futuro. A editoração acadêmica é um eterno quebra-cabeças e é preciso muito comprometimento para manter o trabalho vivo. Um programa de pós-graduação tem pessoas que se renovam constantemente, o que garante a operação do periódico: bem ou mal, vai haver um professor ou um estudante de pós-graduação trabalhando na revista. Um professor sai, entra outro. É como em um revezamento 4X100. A *ReVEL*, por sua vez, é uma maratona. Primamos pela continuidade, o que exige pessoas altamente dedicadas por longos períodos.

CÂNDIDA MANUELA SELAU LEITE - Para a permanência da revista, é necessário que tudo esteja em ótimo alinhamento. É muito fácil que a agenda individual dos editores se torne rapidamente a mais importante em relação a agenda da *ReVEL*. Hoje, por exemplo, ao estar fora da academia e, conseqüentemente, consumindo menos leituras sobre a minha área, tenho uma tendência grande a pensar nos compromissos do meu trabalho como gestora e como professora em primeiro lugar. De quando em quando, precisamos retomar nossa constância e nosso papel de editores. Creio que aqui esteja explicitada uma dificuldade.

Sinto necessidade de comentar que, fora o reconhecimento e a paixão por realizar um trabalho que nos engrandece a alma, não recebemos nenhum tipo de

investimento externo para o desenvolvimento das tantas atividades que a revista demanda. Inclusive, alguns custos, como a construção e a manutenção do site, ficam às custas de recursos individuais até hoje. Não sei exatamente se esse ponto dificulta, mas sei que onera.

Para contrastar com isso, trago como principais pontos positivos: ninguém que se envolve com a *ReVEL* tem a obrigação de permanecer com a sua contribuição sem desejá-la (editores, membros do conselho, etc.); embora haja uma histórico atrelado às figuras do Gabriel e do Cassiano, todos podem contribuir para a *ReVEL* de forma horizontal e democrática; sempre que uma ideia fizer sentido para o grupo ela poderá ser posta em prática; e o grupo pode explorar a liberdade na escolha das seções e da estrutura/organização de modo geral.

ReVEL - O que é mais desafiador e o que é mais gratificante no trabalho de editoração da *ReVEL*?

GABRIEL DE ÁVILA OTHERO - Criamos a *ReVEL* do zero, literalmente. Éramos, à época, dois estudantes interessados em democratizar o acesso a pesquisas de qualidade na área de linguística no país. Convidamos pessoas que sequer nos conheciam para fazerem parte do Conselho Editorial, obtivemos um ISSN, criamos um *layout*, um logotipo e uma página *web*; pensamos em nossa política editorial, conversamos horas e horas pensando em criar uma revista de excelência. E, já na primeira edição, convidamos uma das maiores linguistas que já atuaram no Brasil para conceder uma entrevista. Tudo isso foi bem desafiador, pensando bem. À época, confesso, não tínhamos a compreensão da magnitude da empreitada – e isso tornou o desafio menor, mais fácil de administrar.

No dia a dia da *ReVEL*, as partes mais difíceis, para mim, são estas: (i) pensar numa temática que seja interessante e relevante no contexto da linguística nacional; (ii) conseguir pareceristas que tenham disponibilidade para fazerem os pareceres para os artigos que nos são submetidos; (iii) manter os prazos em dia para que as edições não sofram atrasos; e (iv) obter direitos autorais para a tradução de textos influentes em língua estrangeira, para a seção “Tradução”.

Trata-se de pequenos desafios que fazem parte do dia a dia da *ReVEL*.

As partes mais gratificantes que envolvem o trabalho da *ReVEL* são provavelmente as seguintes: (i) o convívio com a Cândida e com o Cassiano – e agora,

também, com a Larissa, a Mel, a Mônica e a Sara; (ii) a satisfação de ver uma edição publicada; (iii) a interlocução com pessoas que eu admiro academicamente e que participam das edições da *ReVEL* como entrevistados, pareceristas, tradutores, revisores, resenhistas ou autores.

Além disso, me deixa sempre muito contente perceber que os textos da *ReVEL* têm alta circulação no país e são citados em diversos trabalhos, como artigos, livros, comunicações, palestras, etc. Fico feliz que a *ReVEL* tenha sido, ao longo dos últimos vinte anos, um espaço para a publicação de tantos trabalhos de qualidade.

CASSIANO RICARDO HAAG - Eu não mudaria uma palavra sequer daquilo que o Gabriel respondeu.

CÂNDIDA MANUELA SELAU LEITE - Quero destacar, de forma bem sucinta, dois aspectos que fazem com que o meu trabalho seja gratificante na *ReVEL*. Como pessoa, tenho o prazer de trabalhar com pessoas inteligentes, criativas, competentes, críticas e divertidas que têm todo o meu carinho e reconhecimento. Como editora, creio que a grande densidade de citações da *ReVEL* na comunidade acadêmica e a intensidade de acessos ao site sejam a régua que mostra que tudo continua dando certo - e os números, nesse caso, também comunicam o meu orgulho em fazer parte deste grupo.

ReVEL - Como a *ReVEL* mudou ao longo de seus 20 anos de existência? Como vocês enxergam o futuro da revista?

GABRIEL DE ÁVILA OTHERO - A *ReVEL* tenta se manter sempre a mesma e, ao mesmo tempo, se tornar cada vez melhor. Essa fórmula não é fácil de ser seguida, mas tentamos manter sempre a mesma “cara” da *ReVEL*, para que os leitores encontrem comodidade e familiaridade de navegação no *site* da revista. Também tentamos manter uma formatação de textos uniforme ao longo do tempo, para criarmos uma identidade editorial.

No entanto, como deve ter ficado claro a partir das respostas às perguntas acima, muita coisa mudou ao longo dos anos (espero que para melhor!). Creio que a *ReVEL* participou desse movimento de “digitalização” do conhecimento. Há vinte anos, era muito mais comum que professores, alunos e pesquisadores de linguística no

país buscassem periódicos nas bibliotecas universitárias, seja para consulta, seja como espaço para publicação de suas pesquisas. Hoje, os periódicos *online* são a regra – e acho que a *ReVEL* antecipou, de certa maneira, esse movimento.

Outra característica da *ReVEL*, desde seu surgimento, foi o fato de ser um periódico *open access*, i.e., um periódico completamente gratuito e totalmente acessível *online* por qualquer pesquisador. Finalmente, penso que outra marca presente no “DNA” da *ReVEL* é o fato de que a *ReVEL* está aberta a receber artigos de qualquer pesquisador, não importando se se trata de um aluno de graduação ou de um professor doutor. Os textos submetidos são avaliados com o mesmo rigor e – o mais importante – de maneira anônima. Espero que essas duas características permaneçam no futuro da *ReVEL*.

Acho que eu deveria ter falado sobre o que *mudou* na *ReVEL*, mas acabei falando de coisas que *não mudaram* nesses vinte anos de *ReVEL*...

E o que o futuro da *ReVEL* vai trazer? Não sabemos... mas estamos prontos para continuar o trabalho, com muita dedicação à linguística brasileira. Recentemente, quatro novas editoras chegaram à *ReVEL* – Larissa Colombo Freisleben, Melissa Lazzari, Mônica Rigo Ayres e Sara Luiza Hoff. São pessoas jovens, interessadas e competentes. Elas certamente devem saber responder melhor do que eu à pergunta “O que o futuro reserva à *ReVEL*?”. Confio nelas para que os próximos vinte anos da *ReVEL* sejam tão bons quanto os primeiros vinte – ou melhores!

CASSIANO RICARDO HAAG - A impressão que tenho é de que a *ReVEL* não mudou em 20 anos; apenas fez pequenas “reformas” com o objetivo de trazer o melhor impacto para os estudos da linguagem, mas, na essência, se manteve a mesma revista do início. As “reformas” são as seções que foram sendo criadas e que o Gabriel já mencionou até em certo detalhe. Não me parecem mudanças, porém. A *ReVEL* é uma revista de linguística pensada por estudantes. Por isso, ela tem as características que tem. Por exemplo, as entrevistas, gênero praticamente inexistente academicamente quando iniciamos, atendem uma expectativa de nossas grandes referências poderem falar coisas preciosas, sobretudo para um estudante, que o hermetismo da escrita acadêmica muitas vezes impede ser dito nos artigos. Da mesma forma, a *ReVEL* na Escola ajuda a furar as “bolhas” formadas na academia, apresentando os temas principalmente para quem não é necessariamente pesquisador daquele assunto, mas tem curiosidade de conhecer, permitindo que os professores do Ensino Básico mais

curiosos também se atualizem sobre as problemáticas mais atuais das Linguísticas – além, é claro, de serem ótimos textos inclusive para pesquisadores. Todos os “ajustes” sempre foram pensados mirando as novas gerações de linguistas, os estudantes, e assim acabamos agradando – ao que parece – os pesquisadores mais experientes também. Sobre o futuro, é difícil afirmar qualquer coisa, pois existem movimento muito dinâmicos na editoria de periódicos científicos que vêm externamente e pressionam as revistas nesta ou naquela direção. Porém, acredito que a *ReVEL* vá seguir sendo um periódico da mais alta qualidade, sobretudo, pelo time de novas editoras que está iniciando.

CÂNDIDA MANUELA SELAU LEITE - A pergunta me pegou desprevenida! Que futuro eu espero que a *ReVEL* construa ou acompanhe exatamente? Nesses 10 anos, tive vontade de ver a revista mais acessível e com novas seções.

Lembro de um momento que o Gabriel nos apresentou (e ainda existe!) um *podcast* chamado Sopa de Letras, criado pelo Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Letras da UFRGS, em que há alguns episódios voltados à discussão sobre os estudos em linguagem. Não temos um *podcast* próprio, mas temos muito material que pode servir de base para a construção de outros formatos de divulgação no futuro (ainda não sei dizer quais penso que são os melhores).

Quando mencionei o termo “acessível”, referia-me especialmente à acessibilidade digital, de tornar, por exemplo, todo o conteúdo acessível aos pesquisadores que se comunicam através da LIBRAS. Como será esse formato é algo a ser pensado no novo coletivo.

Queria poder ser mais pragmática nesta resposta, mas penso que, com tantos olhos sedentos e atentos, a *ReVEL* tem capacidade para ser a desbravadora de muitos outros cenários futuros (ainda nem descobertos, talvez). Em mais dez anos, tenho certeza de que não seremos igual à *ReVEL* de 2024 - e isso que hoje ela ainda me anima e me entusiasma muito.

Editoras e editores

Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL

Qualis A2

ISSN 1678-8931

www.revel.inf.br